

POLÍTICA

Luciano Os candidatos querem trabalhar sem especulações

O candidato da Aliança Democrática, Tancredo Neves, não acredita na existência de documentos militares como o que foi publicado ontem com essa procedência. O candidato do Partido Democrático Social, deputado Paulo Maluf não comenta documentos apócrifos e não se detém para especulações sobre esse tipo de produção literária. As duas manifestações foram feitas ontem pelos dois candidatos, que cumpriram a rotina normal do trabalho deles: contatos políticos visando o Colégio Eleitoral de janeiro próximo.

Os dois, portanto, fizeram o que deve ser feito nesses momentos de muita especulação: mantiveram o bom senso, a sensatez, preferindo trabalhar com o quadro real do jogo sucessório. Mesmo porque, contrapondo-se ao documento apócrifo, suplantando-o em atualidade e conteúdo, existe o discurso presidencial de quarta-feira última, que foi visto, ouvido, lido e comentado por quantos trabalham hoje com a questão política nacional. O presidente Figueiredo reafirmou sua confiança e disposição em que o processo sucessório será levado até o final, com a posse do eleito em janeiro de 1985. Os recados, que tanto alarmaram alguns setores da Oposição brasileira, devem ser entendidos na sua exata dimensão: são avisos de quem está disposto a não permitir que o plano de vão inicial seja corrigido intempestivamente, sem as necessárias avaliações de segurança em relação aos acidentes do percurso.

O presidente da República não quer, e nisso conta com o apoio total dos seus companheiros, permitir que se baixe o nível da campanha eleitoral e nem que se faça desta etapa um movimento crescente de acusações e retaliações. Ele sabe que os comícios continuarão acontecendo e que, nos palanques, o entusiasmo nem sempre é capaz de fazer com que seja mantida a linguagem polida, educada, tradicional do debate parlamentar. E fez, por isso, um alerta recebido como oportuno por vários setores oposicionistas. O excesso de linguagem continua sendo visto no palácio do Planalto como perigoso para o bom andamento do jogo.

Quanto às bandeiras vermelhas, não há muito o que discutir: elas ainda ferem os olhos de muita gente com seu colorido forte e seus significados subentendidos. O presidente da República não as quer, o candidato da Aliança Democrática também

não. Diante desse consenso não há por que se pensar que elas venham a ganhar maior espaço físico nas futuras reuniões populares do candidato opositorista e não darão, portanto, motivos para novas preocupações do estamento militar. Ocasionalmente elas poderão aparecer aqui ou ali, mas quem se ocupa seriamente da questão política nacional já tem indícios suficientes de que elas não servirão mais de motivo para nada. Quem forçar a discussão por aí revelará poucas intenções concretas de continuar participando seriamente do jogo sucessório.

No mesmo sentido do raciocínio das bandeiras vermelhas, só que, talvez, com um mais de atenção, deve ser analisado o documento apócrifo que circulou ontem, precedido de uma suposta origem militar. O documento radicaliza a linguagem, comete erros infantis ao mencionar nomes e locais de trabalho e não diz coisas reais, razões que devem orientar os que estejam pesquisando a sua fonte. A fonte existe, pois existe um documento. Ela será certamente identificada e tudo isso servirá para que se constate a hipótese inicialmente mais forte: trata-se de documento setorial e que não transmite um sentimento coletivo majoritário. O final de semana deverá encarregar-se de absorver o restante das especulações e o jogo continuará seu ritmo. A palavra presidencial, porque assumida e aplaudida publicamente, ainda é o melhor argumento para os que acreditam na continuidade das coisas.

Maluf com Kissinger

O candidato oficial Paulo Maluf recebeu ontem na casa dele o ex-secretário de estado norte-americano, Henri Kissinger. Conversa de duas pessoas físicas onde o tema principal foi a questão econômica mundial. Maluf foi muito franco no que disse, informou a assessoria do candidato. Tão franco que Kissinger recomendou-lhe repetir as críticas diretamente ao presidente Ronald Reagan. Maluf disse que esse é um assunto para depois de março do ano que vem. Por enquanto, os reflexos das taxas de juro, da balança comercial, do déficit público norte-americano na economia brasileira devem ser tratados pelas autoridades constituídas. O candidato manteve seu otimismo e quer conversar sobre isso em março do ano que vem, na condição de presidente.

Tancredo com Suruagy

O governador de Alagoas, Divaldo Suruagy, chegou à Brasília ontem, no início da tarde. Veio conversar com o candidato oposicionista Tancredo Neves. O encontro não estava oficialmente agendado. O governador alagoano também não quis antecipar nada do que iria falar com Tancredo. E, ainda no avião, disse que até a metade do mês de outubro próximo estará muito mais claro o quadro das definições dos governadores do Estado.

Luiz Recena Grassi